

MÉTODOS DE LEITURA EM CIRCULAÇÃO NO JORNAL A PROVÍNCIA DE SÃO PAULO

Analete Regina Schelbauer
Universidade Estadual de Maringá

Introdução

O presente texto traz como objeto de estudo um dos resultados parciais da pesquisa realizada sobre “A constituição do método de ensino intuitivo na Província de São Paulo (1870-1889)”, que foi apresentada como tese no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Universidade de São Paulo. Dentre os diversos temas relacionados à constituição histórica do método no Brasil e, especificamente, em São Paulo, uma questão nos chamou a atenção, ou seja, a divulgação dos métodos de ensino de leitura de marcha analítica e de acordo com os preceitos do ensino intuitivo, em oposição aos métodos sintéticos. Dentre as diversas fontes analisadas a que mais evidenciou o teor desse debate fora dos muros da escola foi a impressa periódica, aqui circunscrita ao jornal *A Província de São Paulo*, no período de 1875, ano de fundação do periódico, até 1889, ano de implantação da república e marco das conhecidas reformas republicanas da instrução pública paulista. Diante disso, o objetivo dessa comunicação consiste em demonstrar a circulação dos métodos de ensino de leitura a partir da análise dos noticiários, anúncios e artigos publicados no jornal *A Província de São Paulo*, entre as décadas de 1870 e 1880.

A capital paulista, o jornal *A Província de São Paulo* e o movimento de ilustração no final do século XIX

A capital paulista no final do século XIX é marcada pelo movimento de ilustração que é retratado não só pela historiografia (BARROS, 1959), como também pelas fontes históricas do período em questão. A alemã Ina Von Binzer que viveu no Brasil na década de 1880 e atuou, como professora, nas fazendas de café do Rio de Janeiro e São Paulo, escreveu em uma de suas

cartas que “São Paulo é o melhor lugar do Brasil para educadoras” (BINZER, 1994, p. 95), referindo-se aos ares de erudição e filosofia prenunciados, sobretudo, pelos estudantes de Direito da capital. O viajante alemão Carl Von Kozeritz no livro *Imagens do Brasil*, também se refere a capital paulista, com destaque para o movimento que tinha como palco o Largo São Francisco, onde se concentravam as dependências da Faculdade de Direito e as instalações do jornal *A Província de São Paulo*, local considerado como “ponto de encontro de todas as personalidades de marca” (KOZERITZ, 1980, p. 258-9).

Esse movimento de ilustração teve como norte fundamental a crença na instrução e na educação com a finalidade de colocar o país ao “nível do século” e constituiu-se como a marca peculiar da ilustração brasileira (BARROS, 1959). Esse ideal “ilustrado” foi o responsável por motivar nossos intelectuais a começarem a interferir maciçamente nos assuntos educacionais, elegendo a escolarização elementar como uma de suas principais bandeiras de luta. Na concepção do autor, essa geração “ilustrada”, em vez de procurar explicar o atraso do ensino como reflexo da situação do país, procurava antesvê-la como sua consequência “[...] são as idéias, acredita-se, que movem o mundo e a escola e, por excelência, a instituição que as organiza e desenvolve” (BARROS, 1959, p. 24).

Exercendo liderança nas associações literárias e científicas; proferindo conferências, palestras, cursos noturnos de primeiras letras; fundando e apoiando a criação de escolas de caráter inovador no ensino privado, de origem leiga ou protestante; propondo projetos de reformas ora na Assembléia Legislativa, ora no Conselho Superior de Instrução Pública; atuando como professores ou colaboradores na Escola Normal e nos concursos públicos para as cadeiras de primeiras letras, essa elite “ilustrada” configurou a capital paulista como a “capital espiritual do Brasil”, tornando-a um terreno fértil a corrente das novas idéias educacionais (SCHELBAUER, 2007, p. 8-9).

Este “terreno fértil” contou com o “baluarte do partido republicano” – o jornal a Província de São Paulo, fundado em 1875, por um grupo de republicanos paulistas, sob direção de Rangel Pestana e Américo de Campos. Veículo que foi fundamental não só para a difusão dos ideais políticos dos republicanos, como também das inovações educacionais em curso no final do século XIX.

O ensino intuitivo e o debate sobre os métodos de ensino de leitura

Em meio ao quadro de riqueza material da província de São Paulo em contraste com o atraso intelectual, os articulistas do principal periódico paulista sustentaram a tese de que caberia a iniciativa de particulares modificar o quadro caótico da instrução pública oferecida pela monarquia. No centro desse debate figuraram temas como a iniciativa privada em prol da difusão da instrução primária, casas escolares, escola normal, métodos de ensino, entre outros. Foi nesse quadro que o ensino pelo método intuitivo figurou como um novo saber pedagógico que estava em foco nos Estados Unidos e em vários países do continente europeu. Cabe salientar que o referido método desembarcou na realidade brasileira na bagagem dos intelectuais ilustrados proveniente de suas viagens de estudos, bem como por meio dos impressos em circulação no período.

A imprensa periódica foi, sem dúvida, um importante veículo de divulgação das inovações pedagógicas em curso no final do XIX. Os jornais noticiavam, polemizavam e defendiam não só questões relacionadas à educação no Brasil, como faziam referências aos debates internacionais, as obras e autores que serviam de referência aos nossos intelectuais. Em Editorial do ano de 1871, A Província de São Paulo cita o Relatório sobre a Instrução Pública nos Estados Unidos, de autoria de Celestin Hippeau e traduzido para o idioma português a mando do Governo Imperial, como um “evangelho” para os estudiosos dos assuntos educacionais. No ano de 1876, o jornal noticia um acontecimento internacional de grande expressão para a

época, a Exposição Internacional da Filadélfia (QUESTÕES SOCIAIS, 1876) e o desenvolvimento material da nação americana, tida como modelo para os intelectuais brasileiros.

O teor dessas matérias e de tantas outras publicadas n'A Província fazem parte das estratégias de difusão das idéias políticas e educacionais defendidas pelos editores, autores e articulistas do jornal. Dentre essas idéias, a defesa pelo fim da escravidão, pela implantação da república e pela instrução do povo enquanto um fator de modernização, chamando a atenção da iniciativa privada para a luta pela educação popular e sob esse aspecto o povo americano representava o modelo a ser seguido.

No ano de 1877, é publicada a tradução do artigo de George Pouchete¹ sobre o livro de Charles Robin² *Estudos sobre o Ensino*. Uma das questões destacadas por Pouchete, sobre o livro de Robin, refere-se à influência positiva que o ensino de caráter científico exerce sobre a vida de um povo e a importância do método intuitivo, a começar pela educação dos sentidos: “A criança começa por sentir antes de pensar: será, pois, preciso iniciar-lhe o desenvolvimento pela educação exclusiva dos sentidos” (ROBIN apud, POUCHETE, 1877, p. 2).

A tradução desse artigo parece adequar-se perfeitamente aos meios de difusão do modelo de Estado e Educação que eram defendidos pelos republicanos paulistas. Apesar do artigo ter sido escrito por um francês acerca do livro de outro francês, o modelo em destaque é a nação norte-americana, ressaltada por diversos autores da época pelo espírito democrático, pela iniciativa de particulares nos assuntos da instrução popular e pelo caráter científico que imperava em seu sistema de ensino.

Essa tradução evidencia não só os princípios do método intuitivo, muito difundido na época tanto na Europa como nos Estados Unidos, como também traz uma polêmica acerca do ensino da leitura que, no Brasil, vinha sendo

¹ Georges Pouchet é citado por Buisson no *Nouveau dictionnaire de pedagogie et d'Instruction primaire* (1912), no verbete *leçon de choses* (SCHELBAUER, 2003).

² De acordo com o artigo, Charles Robin era senador, professor da Escola de Medicina e discípulo de Comte, tendo publicado em sua Filosofia Positiva uma série de artigos sobre as relações entre educação e instrução.(PSP, 08/04/1877, p. 2).

desenvolvido até então pelos métodos de marcha sintética. Na tradução George Pouchette, chama a atenção para a importância da educação primária dos sentidos, destacada por Robin:

[...] como observa Charles Robin, não há uma só posição profissional ou administrativa que não exija, em graus diversos, o uso dos cinco órgãos dos sentidos ou de alguns deles; e é muito saliente quanto à educação dos sentidos vai descurada ou acanhada nas escolas que têm por fundamento concepções metafísicas ou religiosas, que lhes deram o primeiro desenvolvimento. **A educação dos sentidos, o cuidado de fazer a criança dar nome aos objetos exteriores, de ensinar-lhe suas minudências e de explicá-las, conquanto não possa ser completa, deve ser a principal senão a única preocupação dos pais ou dos mestres até que chegue a criança aos 7 anos** (POUCHETE, 1877, p. 2) (Grifo Noso).

De acordo com Robin, era inadmissível querer que a criança aprendesse a ler antes dos sete anos; para o autor seria necessário que ela conhecesse as coisas e os nomes das coisas antes de estudar os sinais exclusivamente convencionais que as designam: “[...] Mais vale não ler a descrição do oceano do que lê-la antes de havê-lo visto. De outro modo seria impedir a criança de pensar por si mesma; é favorecer nela a tendência, sempre perniciosa, de tomar o sinal pela realidade, as palavras pelas coisas” (ROBIN apud, POUCHETE, 1877, p. 2).

Conforme já afirmamos anteriormente, a questão do método de ensino intuitivo e as discussões acerca do ensino da leitura como uma questão de método, vai receber das páginas do jornal um grande destaque a partir do final da década de 1870. Dentre essas notícias merece destaque aquelas relacionadas a divulgação da *Cartilha Maternal ou A Arte da Leitura*, do poeta português João de Deus, por Antonio Zeferino Cândido. Adotada pelas escolas primárias em Portugal, a cartilha encontra apoio entre os positivistas e republicanos no Brasil que também se empenham na sua divulgação, como o fez Silva Jardim na série de conferências que proferiu sobre o tema.

Após uma seqüência de artigos publicados n'A *Província*, nos quais Cândido expôs o método empregado por João de Deus, a *Gazeta de Campinas*³ publica um artigo criticando severamente a *Cartilha Maternal*. Ao acompanhar a resposta de Cândido, podem-se acompanhar também algumas das polêmicas apropriações em torno do método intuitivo.

Em resposta às críticas feitas pela *Gazeta de Campinas*, Cândido escreve que estas merecem muitos reparos, pois se reduzem a mostrar o método João de Deus como um pequeno aperfeiçoamento dos velhos métodos que a pedagogia moderna condena. Contesta, ainda, o método empregado pelo professor Bokel, do Colégio Internacional, que destacado pelo articulista do periódico campineiro para criticar o método divulgado por Cândido:

O autor do escrito no pouco que diz do método seguido pelo Sr. Bokel dá margem bastante para podermos discuti-lo. Entende que, em vez de classificarmos as letras e as apresentarmos uma a uma, pelos seus rigorosos valores e figuras para em seguida formarmos quadros de palavras, devemos partir da palavra e decompô-la nos seus elementos. Afirma que no primeiro processo se parte do desconhecido para o conhecido e no segundo modo inverso, sendo, portanto este último o verdadeiro processo analítico e intuitivo (CANDIDO, 1879, p. 1-2).

Diante da explicação contida no artigo da *Gazeta de Campinas*, Cândido (1879, p. 1-2) afirma: “[...] a pedagogia moderna erra crassamente se diz tal coisa, pois tornar conhecido é o fim de todo o ensino”, e acrescenta esclarecendo que o método João de Deus parte do conhecimento das letras para em seguida tornar conhecidas as suas combinações e o “[...] articulista quer tornar conhecidas às palavras para no fim ensinar os elementos que as compõem. A diferença é gigante: conhecer o todo ou conhecer a parte”. Com este teor continua suas críticas ao articulista da *Gazeta*:

³ Durante o desenvolvimento da pesquisa não foram encontrados os artigos publicados na *Gazeta de Campinas* nesse ano, o que infelizmente, impediu que se pudesse acompanhar com maior clareza essa polêmica.

[...] como se ensina a matemática, a astronomia, a física, a química e nas artes e na música [...] É preciso que saiba o meu crítico, que se todo o ensino de ciências e de artes se faz segundo as mesmas formulas por que o método João de Deus ensina a ler, não é porque estejam atrasados. É que não se pode ensinar d'outra forma. Assim também, se preceituarmos as regras do método João de Deus, como boas, não é porque estejamos atrasados, é porque as não há melhores. Deixe-se o autor da moderna pedagogia; não fale nisso. Deixe a pedagogia na paz do Senhor, e peço-lhe que acrede que João de Deus não é tão ignorante que não possa ensinar muitos modernos pedagogos de todos os países. Eu podia dizer-lhe porque, mas não tenho tempo por agora; e isso é muito secundário (CANDIDO, 1879, p. 1-2).

Na resposta de Cândido, além da exposição do método empregado por João de Deus, fica evidenciada sua compreensão acerca do ensino pelo método intuitivo:

[...] quanto ao ensino intuitivo, não digamos que ele foi da Alemanha para os Estados Unidos, porque é justamente o contrário. O ensino intuitivo é de origem americana e vai sendo transplantado para a Europa. Não é, porém, o ensino da leitura, mas das coisas, dos fatos e dos fenômenos da natureza. Pequenos erros a que pode conduzir a tal “moderna pedagogia” em que tanto ouço falar (CANDIDO, 1879, p. 1-2).

Essa afirmação de Cândido nos leva a fazer algumas interrogações: como o método intuitivo foi colocado em circulação em Portugal? Como o método foi divulgado entre os educadores portugueses? Quais foram às apropriações feitas? Essas indagações nos remetem a necessidades de estudos comparados sobre a história da educação a partir de objetos de pesquisa específicos.

Feita essa digressão, retomamos a continuação da polêmica anteriormente transcrita. Em março do mesmo João Kopke, ao divulgar seu *Método Racional e Rápido para Aprender a Ler*, também marca uma forte oposição ao método empregado por João de Deus.

Kopke inicia sua exposição mostrando que há muito se tem feito esforços para criar um método conveniente para facilitar a aprendizagem da leitura, citando a *Cartilha Maternal* amplamente divulgada por Antonio Zeferino Cândido: “[...] a não ser o inspetor geral da instrução pública, que não desce a ridícula insignificância das questões de bê-á-bá, talvez ninguém haja em São Paulo que não saiba o que é o novo livro” (KOPKE, 1879, p. 1).

Afirma que, presenciando o afã com que a população correu para assistir às anunciadas conferências sobre o método, não se pode dizer que em São Paulo não haja interesse pela instrução, e é por isso que, inteiramente despido de qualquer imparcialidade, declara que:

[...] a ‘Cartilha Maternal’ fora, no Brasil, precedida por um livro que, visando os mesmos fins, e ferindo de frente a rotina, foi entretanto bruta, insolente e estupidamente repelido do ensinamento oficial por algum que, por desgraça desta província, faz, sobre os deveres do seu cargo, prevalecer o arbítrio dos seus caprichos, o azedume da sua paixão, a conveniência do seu interesse e a picardia covarde de suas peçonhentas intenções. Esse livro é o ‘Método rápido para aprender a ler’, impresso em 1874, typ.Laemmert, Rio de Janeiro (KOPKE, 1879, p. 1).

De acordo com Mortatti (2000), a primeira edição do Método Racional e Rápido para Aprender a Ler sem Soletrar, data de 1974 e foi criado por Kopke para o uso dos alunos da Escola Americana de São Paulo. Segundo Hilsdorf (1986) a cartilha de Kopke não alcançou popularidade na época pelo fato de não ter sido indicada pelas autoridades para uso em escolas públicas. Somente com a segunda edição revista e aumentada, publicada em 1879, ela passa a ser indicada para o uso das escolas primárias mantidas pelo Governo Provincial por meio da Lei n.60, de 4 de março de 1879, que autorizava o governo a contratar com o Dr. João Kopke o fornecimento dos cartões, aparelhos e o que mais fosse necessário para adoção de seu método de leitura nas escolas primárias (SCHELBAUER, 2003, p. 243).

Kopke conclui sua crítica ao método empregado por João de Deus, expondo os princípios de seu método de ensino da leitura:

1º que o método, partindo das sílabas mais fáceis para as mais difíceis, vai, por uma série de operações harmonicamente concatenadas, fazendo a apresentação das diversas combinações, que podem as letras entre si formar; 2º que essa apresentação é feita de sorte que o aluno as compreenda facilmente, pelo interesse à leitura das frases em que é constantemente empregada. Resulta que o método não é uma inovação completa. O princípio da rotina de que só se pode habituar o aluno a prender o valor a figura pela repetição é incontestável; o modo pelo qual, entretanto, se obrigava a essa repetição é que era inconveniente: forçava-se o aluno à leitura de uma enfiada de sílabas monótonas, que depressa repetia de orelhas sem que conhecimento algum delas tivesse. Para obviar, pois, a este inconveniente, era mister que, longe de tornar o aprendiz uma máquina e o estudo uma cousa, se lhe fizesse compreender a utilidade do seu trabalho, e se interessasse no empenho de dedicar-se a ele. Isso é o que o “Método rápido” se propôs e o que o seu autor julga ter conseguido (KOPKE, 1879, p. 1).

Finaliza o artigo ressaltando que os “malevolentes” não devem pensar que as linhas por ele escritas são atribuídas ao ciúme, mas que seu objetivo foi mostrar que no Brasil também há quem se interesse pela educação das crianças e pelo ensino da leitura. Que, assim como a Cartilha Maternal atravessou mares para o cumprimento de um dever, o seu Método Rápido também o fez, na esperança de que o espírito público lhe fizesse justiça:

[...] aqueles aos quais consagramos o nosso livro há de recebê-lo nas escolas, apesar da má vontade da oposição infundada e dos caprichos maliciosos do inspetor geral da instrução pública, impotente para vedá-lo, como foi para tolher que o público esgotasse a 1^a edição, galardoando o nosso esforço com o seu acolhimento [...] (KOPKE, 1879, p. 1).

O ensino da leitura ocupa lugar de destaque entre as temáticas educacionais presentes no final do Império, mobilizando os interessados pelos assuntos da instrução primária destinada as classes populares no debate acerca dos métodos para o ensino da leitura. Debate que na época evidencia a tensão entre os partidários dos “antigos” métodos sintéticos e os defensores dos “modernos” métodos de marcha analítica. Essa polêmica, de acordo com Mortatti (2001, p. 73), vem fortalecer as disputas “[...] pela hegemonia em relação aos métodos de ensino da leitura, mediante o entrecruzamento [...] de tematizações, normatizações e concretizações a respeito do método analítico para o ensino da leitura”, após a implantação da república.

Ao lado dos artigos e editoriais, o debate acerca dos métodos de leitura também é foco das conferências pedagógicas que eram noticiadas periodicamente no jornal, revelando os personagens que estavam à frente dessas iniciativas. É interessante observar que eram os mesmos agentes que estavam na direção das escolas particulares, na redação dos jornais republicanos, na organização das conferências pedagógicas trazendo a foco os novos preceitos da pedagogia moderna difundidos mundialmente.

A título de exemplo podemos citar as conferências organizadas pela Escola Primária Neutralidade nos anos de 1884 e 1885, com o objetivo de dar publicidade às suas idéias sobre educação e aos processos de ensino empregados pela escola. As conferências eram gratuitas e anunciadas pelos jornais da cidade. Durante o ano de 1884, foram realizadas sete conferências, sempre aos domingos, contanto com um auditório composto por senhores, alunos da Escola Normal, do Liceu de Artes e Ofícios e, por vezes, conhecidos professores, conforme atesta o relatório da escola, no qual consta, também, o Programa das Conferências Pedagógicas do ano de 1885. Dentre os 28 temas anunciados para as conferências cinco tratavam especificamente de questões relacionadas ao ensino da língua materna e ao ensino da leitura e 4 eram relacionadas ao ensino pelo método intuitivo, além de temas sobre a formação do professor, a importância da pedagogia e da psicologia para a formação dos mestres, a relação família e escola, o ensino

das ciências, a educação cívica, dentre outros (Fonte: Relatório da Escola Primária Neutralidade, em 1885. Ordem 5010, lata 1)⁴.

Além dessas conferências, o jornal também noticia uma série de palestras proferidas pelo professor Silva Jardim, a convite da diretoria da Sociedade Auxiliadora da Instrução, sobre métodos de leitura em geral, e especialmente sobre o de João de Deus, na cidade de Santos. Do mesmo autor também foi noticiada, em abril de 1884, uma conferência ministrada nos salões da Escola Normal, de acordo com os estatutos daquela instituição:

Perante um grande concurso de senhoras e cavalheiros, o dr. Silva Jardim realizou anteontem, às 7 horas da noite, nos salões da Escola Normal [...]. Orou cerca de hora e meia sobre a reforma do ensino da língua, desde a infância até a preparação do professorado normalista. Provou cientificamente que a leitura deve ser palavreada, expressiva, de trechos morais, por vezes poética. [...] A conferência do dr. Silva Jardim atesta plenamente o quanto o distinto professor tem se esforçado para bem dar conta dos compromissos que tomou. Bom será que o imitem. Professores como o dr. Jardim honram a corporação a que pertencem (CONFERÊNCIA NORMALISTA, 1884, p. 2).

Considerações finais

Ao destacar os temas educacionais nas páginas de um dos periódicos de maior circulação na província de São Paulo, bem como os intelectuais que contribuíram para a circulação dos novos saberes pedagógicos acerca do ensino da leitura, é importante considerar que: a imprensa periódica atuou de forma significativa na difusão e circulação dos saberes pedagógicos em curso no final do século XIX; os métodos de ensino de leitura, os artefatos necessários a esse ensino, as novas cartilhas em circulação, elementos da cultura escolar, ultrapassaram os muros da escola e se fizeram conhecer pelas páginas do jornal. Apesar desse contato ter sido restrito aos indivíduos

⁴ Durante os anos de 1884 e 1885, *A Província de São Paulo* noticiou as conferências pedagógicas, científicas e literárias proferidas pelos professores e colaboradores da Escola Primária Neutralidade.

letrados, esse fato não minimiza a importância que a imprensa periódica teve para a fundação de um discurso acerca do método de ensino intuitivo e dos métodos de ensino de leitura, sobretudo, do método analítico.

A imprensa, sem dúvida, tem se configurado como uma dessas novas fontes e possibilitado, por meio de diversos olhares, a constituição do retrato de um tempo. Como observou Nóvoa (1997, p. 30-31):

Na verdade, é difícil encontrar um outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as desilusões e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre "a quente", as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época.

A importância da imprensa para compreensão do campo educativo foi ressaltada no presente estudo com a finalidade de trazer ao leitor uma das questões essenciais que estiveram presentes no cenário nacional: o ensino da leitura e a difusão da escolarização inicial.

Referências

- BARROS, Roque Spencer Maciel de. A ilustração brasileira e a idéia de universidade. *Boletim*. São Paulo: USP/FFCL, n. 241, 1959.
- BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. Alice Rossi e Luisita Cerqueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- CANDIDO, Antonio Zeferino. Método João de Deus. *A Província de São Paulo*. São Paulo, 1 jan. 1879, p. 1-2.
- CONFERÊNCIA NORMALISTA. Noticiário. *A Província de São Paulo*. São Paulo, 23 abr. 1884, p. 2.
- CRUZ, Heloisa de Faria (org.). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana 1870-1930*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997 (Coleção Memória, documentação e pesquisa, 4).
- EDITORIAL. Retrospecto – Instrução Pública. *A Província de São Paulo*. São Paulo, 11 jan. 1876, p. 1.
- ESCOLA PRIMÁRIA NEUTRALIDADE. *Relatório – 1885*. Arquivo do Estado de São Paulo. Série Instrução Pública. Ordem 5010, lata 1.

- HIPPEAU, Celestin. *A instrução pública nos Estados Unidos*. Traduzido e publicado no Diário Oficial do Império do Brasil, 1871.
- KOPKE, João. O método racional e rápido para aprender a ler. *A Província de São Paulo*. São Paulo, 19 mar. 1879, p. 1.
- KOZERITZ, Carl Von. *Imagens do Brasil*. Trad. Afonso Arinos de Melo Franco. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização. São Paulo – 1876-1994*. São Paulo: Editora da Unesp; Brasília: MEC/Comped, 2000.
- NÓVOA, António. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, Denice Bárbara e BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). *Educação em Revista. A Imprensa Periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 11-31.
- POUCHETTE, George. Estudos sobre o ensino (Tradução da Província). *A Província de São Paulo*. São Paulo, 08 abr. 1877, p. 2.
- QUESTOES SOCIAIS. *A Província de São Paulo*. São Paulo, 21 set. 1876, p. 2.
- SCHELBAUER, Analete Regina. *A constituição do método de ensino intuitivo na província de São Paulo (1870-1889)*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2003.
- SCHELBAUER, Analete Regina. Entre anúncios e artigos. Resgistros do método de ensino intuitivo no jornal *A Província de São Paulo (1875-1889)*. In: SCHELBAUER, A. R.; ARAÚJO, J. C. (Org.) *História da Educação pela imprensa*. Campinas: Editora Alínea, 2007.